

DIÁRIO DE UMA PROFESSORA DE GRAVURA (PÁGINAS DAS 5as FEIRAS) OU O CALVÁRIO DA GRAVADORA

Cathleen Sidki

16 de março

Só há uma aluna na matéria Gravura 4. Ela está com outras idéias. Não quer mais trabalhar com o método tradicional de gravura em metal, apesar de ter tido um certo êxito. Suas gravuras possuem texturas ricas. Agora, no seu penúltimo semestre, decide experimentar métodos não tradicionais, como a tecnologia e os métodos alternativos de apresentação. Pedi para que traga símbolos, narrações, estudos que tragam algum esclarecimento à sua definição da arte da gravura.

Em seguida, me falou sobre imprimir suas pegadas em formas tridimensionais transparentes, em material gelatinoso. Acho a ideia interessante. Sensorialmente, o material é atraente. A metáfora será de uma jornada num meio precível, mas será que isto é gravura? Que características da gravura tradicional serão mantidas neste tipo de trabalho?

Em primeiro lugar, tradicionalmente, existe a etapa da transferência da imagem de uma superfície para a outra, produzindo um número limitado de cópias em um meio leve, estável e transportável. A gelatina neste sentido parece não satisfazer esses critérios. Mas, o meio de impressão nem sempre esteve restrito ao papel. Tenho visto impressões feitas sobre pano, filme, poliéster, vidro, folhas de acrílico, gesso e até em chumbo.

Na maioria dos casos, a reprodução conduz a imagens idênticas. Embora, alguns gravadores tenham experimentado métodos de entintagens usando aquatintas e estênceis para sombrear com a intenção de obter reproduções diferentes.

Degas desenhou e pintou com panos, pincéis, palitos de madeira e com as pontas dos dedos. Ele passava as chapas na prensa para transferir a imagem ao papel e, às vezes, usava a cópia que acabava de imprimir, ainda com a tinta fresca, como matriz para produzir outra. Gauguin não queria que as suas gravuras se parecessem com gravuras; quanto menos, melhor. Então, existem precedentes para essa ofuscação da fronteira entre desenho, pintura e gravura. Esta nova proposta da aluna talvez poderá ser interpretada como uma combinação entre gravura e escultura.

25 de março

Estava esperando encontrar minha aluna no atelier de gravura mergulhada em leituras a respeito da experiência de outros artistas com métodos alternativos em gravura, ou talvez sobre receitas de manipular a gelatina. Para minha surpresa, encontrei-a na sala dos computadores escaneando desenhos. Hoje, o seu desejo é usar os programas gráficos do computador para manipular as imagens e depois produzir cópias com a impressora, ao contrário dos métodos tradicionais de impressão. Se justificou dizendo que o computador era uma ferramenta moderna disponível para o uso do gravador de hoje em dia.

O que aconteceu com o plano de imprimir em gelatina? Porque estou incomodada com essa nova proposta?

Para começar, não tenho certeza se a tecnologia dos computadores poderá ser apenas uma nova ferramenta ou mídia para nosso uso em gravura. De muitas maneiras, essa nova tecnologia determina a maneira com que percebermos e agirmos sobre a nossa arte e acaba impondo-nos certos valores. Em geral, o uso do

computador é caro. Os equipamentos tornam-se obsoletos rapidamente e a manutenção requer tempo, esforço e muitos recursos. Todo este investimento não deixa espaço para outros empreendimentos.

Novos valores, como a precisão absoluta, o detalhamento complexo e a rapidez desnorteante são reforçados. O artista ao usar a nova tecnologia de computador será conduzido a abandonar os seus valores tradicionais por outros novos, não tendo escolha nesta questão.

Os trabalhos, com o uso do computador, tornam-se cada vez mais impessoais. Desaparecem as qualidades tácteis pessoais que refletem o estado interno do artista. Desaparece o registro das diferentes tentativas, os traços incertos e depois reforçados. Desaparece o tempo.

Impressos produzidos em computadores são praticamente feitos para a indústria e o comércio, para a produção e o consumo em massa.

No entanto, alguns artistas têm produzido trabalhos maravilhosos usando o computador e a sua impressora. Não sei se posso dizer que são de gravuras. Um exemplo que me vem à cabeça, é o de Douglas Kornfeld. Ele criou uma instalação que chamou “Caminhos para a Condenação ou para a Redenção” e foi mostrada no Fuller Museum of Art em Brockton, Massachusetts. Processou imagens religiosas do século XII com um programa de desenho; uma chamava-se “Entrada para o Inferno”. Com um programa de desenho tridimensional, projetou o espaço do museu onde será instalada sua exposição. Também texturou as paredes do espaço virtual com imagens bidimensionais. Quando ficou satisfeito com o resultado, quadriculou toda a imagem em 10.000 peças padronizadas, que logo imprimiu numa impressora laser comum de 300 dpi. Removeu as margens brancas com um estilete. Passou não menos que 400 horas para cobrir as paredes reais do museu com as imagens impressas. Segundo o artista, o propósito da exposição era de imitar a romaria à terra sagrada. O tortuoso caminho criado no museu representava a longa jornada a Jerusalém e também o caminho para o conhecimento espiritual.

Não definiria o trabalho de Kornfeld como uma combinação de gravura/instalação, ou gravura/conceito. Falta aqui nas impressões, interação pessoal entre

o artista e o meio de produção. Este fator foi eliminado pelo processo mecânico. Além do mais, o filme fino do toner é bastante pobre quando comparado com a textura de superfície e qualidade de tinta criada nos processos mais tradicionais de impressão. Isto, sem falar do problema da instabilidade de cor das tintas e tampouco da qualidade pobre do papel usado pela impressora. Mesmo apreciando o belo trabalho de instalação de Kornfield, as impressões não podem ser consideradas gravuras.

Existem alguns gravadores que usam o computador para imprimir e fabricam as próprias tintas, usando papel arquivo nas impressoras. Entre esses estão Roman Verotsko e Jean-Pierre Herber. Eles usam impressoras tipo plotter que estão fora de fabricação (o que representa um problema com reposição de peças). Entre outras inovações, Verotsko trocou as canetas da plotter por pincéis chineses.

Michael O'Rourke usa o computador e o plotter para criar uma estrutura básica e depois trabalha com métodos tradicionais.

Suspendi por enquanto maiores comentários sobre as formas gelatinosas e o pensamento filosófico e pedi à minha aluna que procure uma orientação, uma luz dos artistas que aplicaram a tecnologia de computador à gravura tradicional.

30 de março

A aluna não compareceu.

6 de abril

A aluna continua sumida. Não vejo traços do seu trabalho no atelier de gravura. Estou preocupada.

20 de abril

Finalmente, ela apareceu. Não comentou a sua ausência de duas semanas. Respondendo à minha indagação, me falou de momentos difíceis no seu trabalho e de complicações na sua vida particular. Falou-me dos desenhos que deixou no sol e na chuva, de seu desejo de combinar o virtual do computador com o real e o orgânico, através da desintegração das impressões, feitas com o computador, deixadas à chuva. Colocou pequenos fragmentos de papel enrugados e manchados em cima da mesa para minha apreciação.

A próxima semana é a Semana Santa e a aluna precisa urgentemente tomar um rumo. Pedi para que traga imagens simbolizando sua jornada durante o semestre e que pense em imprimí-las usando processos experimentais. Por exemplo, poderia usar um papel de boa qualidade como Arches, Rives ou papel Japonês e passar o mesmo papel várias vezes no lazer printer criando uma superfície mais texturada e com pretos mais ricos. Artistas como Lane Hall e Lisa Moline fizeram monotípias imprimindo uma imagem várias vezes, a cada passagem das imagens pela impressora, eles retiravam parte da tinta preta com uma faca afiada. Após muitas impressões e raspagens, criaram uma superfície rica e de aspecto manual. Os mesmos artistas experimentaram com matrix impact printers que estão fora de moda. O conjunto de gravuras, Woodland Goiter Series, foi feito numa dot matrix printer com quatro fitas de cores diferentes. Para criar uma imagem de tamanho grande, os artistas cortaram o papel japonês para o tamanho da impressora e depois usaram fita colorida para unir as peças em uma imagem. As múltiplas passagens pela impressora combinadas com xilogravura resultaram em gravuras ricas e delicadas.

11 de maio

Minha aluna faltou à aula, mas ligou para mim em casa para dizer que está lendo e tendo umas idéias. Pedi para me mostrar na 5ª que vem.

18 de maio

Ela esteve lendo sobre um processo de Lane Hall e Lisa Moline para transferir imagens do tipo lito. Este consiste em fotocopiar uma imagem, engomá-la com goma arábica e depois enrolá-la com tinta e 'brayer'. O toner no papel repele a goma arábica, enquanto o papel saturado com a goma por sua vez repele a tinta de impressão. O toner no papel atrai a tinta e se enche com qualquer tinta colorida que é aplicada.

É com este material que planeja compor as paredes e o teto ao final do corredor do Departamento. Disse que vai compor as impressões de tal maneira que reflita a sua jornada.

Chamei a atenção da aluna para o fato de que o projeto precisava de maior elaboração. Encorajei-a a prosseguir, combinando diferentes formas e estilos de gravura.

Preciso me lembrar de solicitar autorização do Chefe do Departamento para que ela possa imprimir nas paredes.

25 de maio

A aluna fez impressões dos seus sapatos em 60 formas de parafina, em nada menos que 15 cores. Me disse que sabia o que queria fazer com esse material. Penso que, deve continuar fazendo certas tentativas de composição até a próxima quinta.

1 de junho

Autorização para imprimir nas paredes, negada.

8 de junho

Faz mais de uma semana que estou procurando a minha aluna, para avisá-la que a autorização para imprimir nas paredes foi negada. Apareceu bem tarde, hoje. Veio correndo com uma foto na mão. Um trabalho no estilo Escher: uma procissão de miniaturas de pernas coloridas que desembocam em uma mega perna mãe. Essa ia servir para colocar no final do corredor, o ponto da grande convergência. Ela foi direto para a sala dos computadores, onde pretendia escanear a imagem e separar as suas cores. Fui atrás para aconselhá-la a repensar o seu trabalho, já que não poderá imprimir nas paredes.

Discutimos ideias alternativas.

15 de Junho

Não vejo rastro da aluna.

22 de Junho

Ah! A exposição está pronta. Encontrou uma nova solução para levar-nos a experimentar o longo e tortuoso caminho da sua busca.

Partimos para o passeio assistindo a uma gravação num CD portátil, levamos algumas gravuras suas na mão. Começamos na sala de gravura e continuamos a andar pelos corredores e na vizinhança do Departamento. Fomos

guiados pela gravação, dando-nos as direções a seguir e escutamos ao longo do percurso o barulho do andar acompanhado por comentários poéticos. A gravação nos chamou a atenção para as impressões nas formas de parafina, que foram colocados nas diferentes estações do sofrimento e nos convidou a comparar esses lugares com suas gravuras, a contrastar a Realidade com a Arte. À medida que nos aproximamos do final, as cores ficaram mais claras, as pegadas seguiam sem meandros, o barulho do andar mais suave.

Bibliografia

- LOVEJOY, Margot. *Postmodern Currents: Art and Artists in the Age of Electronic Media*. 2d ed. New Jersey: Simon & Schuster, 1997.
- SAFF, D. & SACILOTTO D. *Printmaking, History and Process*. NY: Holt, Rinehart, and Winston, 1978.
- SPALTER, Anne Morgan. *The Computer in the Visual Arts*. Berkely, California: Addison Wesley Longman, 1999.

Dados da Autora

Cathleen Sidki - Prof^a Dr. PhD em Arte e Educação pela St. Louis University, St. Louis, EUA.
 Professora Adjunto 4, Universidade de Brasília, Departamento de Artes Visuais. Exposições individuais e coletivas em vários países.